



JOSÉ ENES

ESTUDOS EM HOMENAGEM
NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

COORDENAÇÃO

RUI SAMPAIO DA SILVA · JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ · BERTA PIMENTEL

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

ficha técnica

título

JOSÉ ENES

**Estudos em Homenagem
no Centenário do seu Nascimento**

coordenação

Rui Sampaio da Silva

José Luís Brandão da Luz

Berta Pimentel

edição

Universidade dos Açores

Centro de Estudos Humanísticos

imagem de capa

Retrato do Professor José Enes

por Aristides Âmbar - 1984

Coleção particular

capa | paginação

Jaime Serra

impressão

Nova Gráfica, Lda.

Dezembro de 2025

depósito legal

558000/25

isbn

978-989-35171-3-0

Esta publicação foi financiada pela
Direção Regional da Ciência, Inovação e Desenvolvimento,
através do Sistema de Incentivos PRO-SCIENTIA.

JOSÉ ENES: VIDA E OBRA¹

JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ
Centro de Estudos Humanísticos
Universidade dos Açores

José Enes, nome por que é conhecido José Enes Pereira Cardoso, é natural da Silveira, das Lajes do Pico, onde nasceu a 18 de agosto de 1924. Foram seus pais Manuel Pereira Cardoso Júnior, natural da Silveira, e Maria Cremilde de Sousa Enes, de Santo Antão do Topo, da Calheta de S. Jorge.

1 Os registos de índole biobibliográfica de que dispomos sobre José Enes tornariam dispensável mais este apontamento, que os organizadores da presente edição consideraram oportuno incluir neste volume, a fim de tornar o filósofo açoriano mais próximo das novas gerações de leitores, estudiosos da sua obra e da alta personalidade do pensador, professor e investigador, que se impôs no panorama filosófico português na segunda metade do século passado. Para a sua elaboração utilizámos diversas fontes de informação que podemos agrupar em três conjuntos: o primeiro diz respeito a três discursos que proferiu, publicados postumamente no livro *Portugal Atlântico*, «Anexos», pp. 293-312; o segundo contempla alusões dispersas na bibliografia sobre José Enes e alusiva à sua atividade, de que daremos conta no decurso desta nota, assim como um *curriculum vitae*, policopiado, organizado por Maria Fernanda Enes, e um discurso por ela proferido numa sessão de homenagem após a sua morte, no Instituto Açoriano de Cultura, com o título «Os Açores no pensamento e ação de José Enes»; por fim, o terceiro conjunto inclui o «*Curriculum vitae* de José Enes», publicado por Gabriela Castro, em José Luís Brandão da Luz (org.) *Caminhos do Pensamento — Estudos de Homenagem ao Professor José Enes*, pp. 577-593; a «Bibliografia de José Enes», da autoria de Miguel Real, em *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, pp. 100-107, e ainda, mais recentemente, o posfácio de Maria Fernanda Enes e a bibliografia, no final do volume póstumo *Fenomenologia da Religião*, pp. 115-124.

As circunstâncias da vida levaram-no a fixar residência, por períodos mais ou menos longos, em Angra do Heroísmo, Roma, Lisboa, Ponta Delgada, mas também, por menos tempo, em Luanda e na Covilhã, sempre dedicado à investigação, ao ensino, à universidade e às causas político-sociais a que esteve ligado.

A sua tese de doutoramento, *À Porta do Ser*, foi apresentada como uma obra inovadora no campo da filosofia, não apenas por ter como tema o que há de mais íntimo a pensar na experiência de cada um e na língua em que a exprime — o ser —, mas também pelo seu propósito de recuperar a expressividade original da linguagem, no diálogo que estabelece com o pensamento de Heidegger e de Tomás de Aquino.

A obra *À Porta do Ser*, publicada em 1969, tornou José Enes conhecido e admirado, acreditando-o como uma referência maior do pensamento filosófico em Portugal. Foi professor na Universidade Católica, em Lisboa, logo no seu começo, depois na Universidade dos Açores, de que foi fundador e primeiro reitor, e, finalmente, na Universidade Aberta, onde foi vice-reitor. Contam-se ainda no seu percurso de vida as estadias mais transitórias na Universidade de Luanda (1973-1974) e no então Instituto Politécnico da Covilhã (1974-1975), onde colaborou como professor na área das ciências sociais.

Para além das obras iniciais *Água do Céu e do Mar. Poemas* (1960) e *Autonomia da Arte* (1964), publicou ainda os livros *Estudos e Ensaios* (1982), *Linguagem e Ser* (1983), *Noeticidade e Ontologia* (1999), tendo deixado também muitos trabalhos e intervenções que têm vindo a ser publicados postumamente.

Depois de jubilado, em 1994, José Enes presidiu à Comissão de Avaliação dos Cursos de Filosofia das Universidades Portuguesas, em dois ciclos de avaliação, entre 1995 e 2000. Morre em 2013, em Lisboa, após uma vida dedicada à filosofia, à universidade, aos Açores, e também sempre muito devotado aos amigos e à família, que constituiu em 1973.

1. Formação inicial

José Enes iniciou o primeiro ciclo do ensino básico, então denominado instrução primária, na sua terra natal, vindo a concluí-lo em S. Jorge, onde a sua família passou a viver. Distinguiu-se de entre os companheiros da sua geração, tendo recebido, como prémio escolar de melhor

aluno, o livro de Gervásio Lima *A Pátria Açoriana*. O pároco de Santo Antão do Topo, P. José da Costa, mostrou-se sensível às suas qualidades e dispensou-lhe particular atenção, estimulando-o e orientando-o a continuar estudos. O Seminário de Angra era, na época e continuou a ser ainda por muito tempo, o destino habitual dos que se mostravam mais dotados, mas onde «apenas por exceção se chegava a padre»², na observação desapiedada de Onésimo.

José Enes era apenas uma criança quando ingressou³ no seminário de Angra para frequentar o plano de estudos que vigorava desde o ano letivo de 1930-1931 e que havia sido aprovado pelo episcopado português para ser seguido em todo o país. Contemplava dois ciclos de estudos: o curso de Preparatórios, com a duração de seis anos, em que predominavam as disciplinas de Português, Latim e dois anos de Filosofia; o curso de Teologia, com quatro anos de duração, versava o estudo das “ciências eclesíásticas”. Só a partir do ano letivo de 1947-1948 começou a ser adotado um novo plano de estudos, organizado em três ciclos, com a duração global de doze anos, conforme prescrição geral da Igreja⁴.

-
- 2 Onésimo T. Almeida, «O professor nas lembranças do aluno», em *José Enes: Filósofo, Pedagogo e Mestre*, p. 27. A observação, porém, não é destituída de fundamentos, se atendermos a que já em 1880, uma provisão do bispo diocesano lamentava e criticava o abandono de alunos do seminário que, depois de o terem frequentado graciosamente, iam estudar por sua conta para a Universidade de Coimbra, julgando-se assim «com forças de fazerem as grandes despesas duma formatura», quando antes alegavam carência de rendimentos (cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, *A Igreja nos Açores — Último Quartel do Século XIX. Índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1972-1900)*, pp. 68-70). A discrepância entre os que entravam no seminário e os que depois eram ordenados padres não passou despercebida a Octávio Medeiros, que a não deixou de considerar um indício de que muitos ingressos seriam efetuados sem corresponderem a qualquer espécie de vocação para o sacerdócio (cf. *ibidem*, p. 62).
- 3 O serviço de arquivo da Cúria Diocesana de Angra do Heroísmo informou-nos, à data em que elaborávamos a presente nota, de que não dispunha do registo do ingresso de José Enes no seminário diocesano. Presumimos que o mesmo tenha ocorrido em 1935, dando por suposto que teria começado a frequência do ensino primário aos sete anos, como era habitual, e terminado aos dez, em 1935. Desta forma, terá iniciado os estudos no seminário em outubro desse mesmo ano, com onze anos de idade, feitos em agosto. Só assim poderemos aceitar como certo que, em 1945, tenha ido frequentar a Universidade Gregoriana, após ter concluído o curso do seminário, à época com a duração de dez anos.
- 4 Cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, *A Igreja nos Açores — Segundo Quartel do Século XX. Índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1925-1952)*, pp. 129-131 e 139-141; José Augusto Pereira, *O Seminário de Angra. Esboço Histórico*, pp. 40-46.

Os programas das disciplinas dos cursos de Filosofia e de Teologia procuravam responder às disposições da *Aeterni Patris*, de 1879, e de outros documentos pontifícios que incentivavam o ensino do tomismo, o que era sustentado, em particular na filosofia, pela adoção dos compêndios de autores escolásticos, como M. Brin, professor de filosofia do seminário de Saint Sulpice, em Paris, Tiago Sinibaldi, professor do Seminário de Coimbra e primeiro reitor do Pontifício Colégio Português em Roma, e Charles Boyer, professor da Gregoriana e membro da Academia de S. Tomás, em Roma. Pinharanda Gomes manifesta estranheza pelo facto de o P. José Carlos Simplício, na resenha histórica que fez do Seminário de Angra⁵, não ter também feito qualquer alusão aos autores da Nova Escolástica que José Enes utilizou como docente de filosofia no seminário, e que foram, segundo deixou escrito, Pedro da Fonseca, de quem se serviu para as aulas de Lógica Menor, mas também Francisco Soares Lusitano e o terceirense António Cordeiro⁶.

A partir de 1889, uma provisão do bispo Prado Lacerda impôs a orientação tomista à formação ministrada no seminário, o que despertou o interesse crescente pelo estudo do filósofo medieval, a tal ponto que, em 1924, o seminário iniciou a publicação da revista mensal de religião e cultura *Prelúdios* (1924-1928), onde se poderia ler, avança Pinharanda Gomes, «excelentes páginas acerca do Doutor Angélico, incluindo as assinadas pelo Cardeal Mercier» e por outros neotomistas, como Ferreira de Deusdado, então professor no Liceu de Angra, e o P. Manuel Cardoso do Couto, seguidor de Mercier e influente professor de filosofia, no tempo de Enes⁷.

O jornal diário da diocese *A União* dá notícia das celebrações anuais do dia de S. Tomás de Aquino, que começaram a ter alguma expressão a partir de 1926, por iniciativa do então vice-reitor, o já referido Dr. Manuel Cardoso do Couto. Passou a ser oferecido à cidade um sarau músico-lite-

5 José Carlos Vieira Simplício, «O culto de S. Tomás de Aquino no Seminário Episcopal de Angra», p. 6.

6 Cf. José Enes, «O ensino da Teologia e da Filosofia na Universidade de Évora», em *Lumen*, XXIII (1959), pp. 816-823, ref. por Pinharanda Gomes, «O percurso neotomista de José Enes (1944-1965)», pp. 567-569.

7 Cf. Pinharanda Gomes, «Tradição e modernidade no pensamento neotomista de José Enes (1924-2013)», pp. 554-557.

rário, com a presença do prelado e «autoridades civis, militares e centenas de pessoas de todas as classes sociais»⁸. Os alunos apresentavam poemas e canções de sua autoria de glorificação do Aquinatense, assim como uma sabatina sobre um tema filosófico-teológico de inspiração tomista. Este debate, animado pelos estudantes que se confrontavam, sustentando posições opostas, foi inicialmente integrado no programa do sarau, mas a partir de 1941, depois de suspenso por cerca de uma década, passou a ser reservado apenas a estudantes, a professores e a um reduzido número de convidados⁹. Pinharanda Gomes, com base em notícias recolhidas no jornal *A União*, dá conta da participação do jovem Enes nesses saraus, em que ainda estudante de teologia recitava poemas de sua autoria¹⁰.

2. Atividade cultural e cívica nos Açores

O tempo em que José Enes realizou estudos de filosofia e de teologia do curso do seminário correspondeu ao período da Segunda Grande Guerra, de 1939-45, tendo assistido, como recorda Silveira de Brito, «à chegada dos ingleses que desembarcaram no Porto de Pipas, em Angra, a 8 de outubro de 1943, dos americanos a 9 de outubro de 1944, e à instalação da Base das Lajes»¹¹.

Ao concluir o curso do seminário, em 1945, segue de comboio, a partir de Lisboa, para a Universidade Gregoriana, em Roma, em setembro desse ano, no «mês seguinte ao armistício da Segunda Guerra Mundial», conforme registou Maria Fernanda Enes. Foi «uma viagem lenta e problemática pelas marcas de destruição, sobretudo além Perineus, que o conflito havia deixado e atingiam Roma de forma demolidora»¹². Seguiu o curso de Teologia, ao mesmo tempo que, a partir de certa altura, frequentou a Academia de São Tomás de Aquino e descobriu o apreço de que gozavam no estrangeiro as obras de Pedro da Fonseca e de João de S. Tomás, conforme relatou em artigo que publicou na *Lumen* a evocar a

8 José Carlos Vieira Simplício, «O culto de S. Tomás de Aquino no Seminário Episcopal de Angra», p. 9.

9 Cf. *ibidem* e Octávio H. Ribeiro de Medeiros, *A Igreja nos Açores — Segundo Quartel do Século XX. Índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1925-1952)*, pp. 144-145.

10 Cf. Pinharanda Gomes, «O percurso neotomista de José Enes (1944-1965)», p. 560.

11 José Henrique Silveira de Brito, «José Enes: o filósofo e o cidadão I», em *Diário dos Açores*, 06-11-2024.

12 Fernanda Enes, «A lógica interna da vida e a unidade de ser em José Enes», pp. 165-166.

fundação da Universidade de Évora¹³.

Licenciou-se em Teologia em 1948, ano em que também recebeu a ordenação presbiteral, e, de seguida, estudou Filosofia na mesma universidade, obtendo o bacharelato, em 1950. Logo depois, regressou ao Seminário de Angra, onde permaneceu até finais de 1964, altura em que retornou a Roma para se licenciar em Filosofia e preparar o doutoramento, que obteve em 1968.

Os catorze anos em que José Enes permaneceu no Seminário de Angra foram preenchidos por assinalável atividade cultural e cívica que o tornou conhecido e admirado não só em Angra, mas entre as elites do arquipélago, que se habituaram a procurar nele inspiração para as causas sociopolíticas em prol do desenvolvimento dos Açores.

No seminário, em 1951, Pinharanda Gomes recolheu no jornal *A União* a notícia de que proferiu a oração de sapiência na abertura do ano letivo, abordando o tema «Teologia e Filosofia em Portugal nos últimos 25 anos». O texto foi publicado na *Lumen*, no ano seguinte, juntamente com o breve ensaio «São Tomás de Aquino formador de mentalidades», onde Pinharanda Gomes vislumbra «os alvares de uma filosofia do conhecimento aliada a uma hermenêutica onto-teológica, da fenomenologia transcendental que, depois, faria de José Enes um luzeiro do vigésimo século»¹⁴.

Sabemos também que, de 1953 a 1964, lecionou no curso de Filosofia, primeiramente as disciplinas de Ontologia, Psicologia e Ética, e depois Literatura Portuguesa e Composição Literária¹⁵. Simultaneamente, envolveu-se em intensas atividades culturais e sociais que ficaram ligadas a relevantes iniciativas, desde logo a criação, em 1953, no jornal diário da diocese *A União*, da página cultural bimensal “Pensamento”, que também deu nome a uma coleção de livros de poemas e ensaios editados no mesmo jornal. Em 1955, em conjunto com outros colaboradores, criou o Instituto Açoriano de Cultura e, no ano seguinte, a sua revista

13 Cf. Pinharanda Gomes, «O percurso neotomista de José Enes (1944-1965)», pp. 567-570; cf. José Enes, «O ensino da Teologia e da Filosofia na Universidade de Évora», pp. 816-823.

14 . *Ibidem*, p. 565.

15 Cf. *ibidem*, p. 561 e «Professores do Seminário Episcopal de Angra do Heroísmo (1930/1931-2013/2014)», em Hélder Miranda Alexandre (coord.) *Seminário Episcopal de Angra. 150 Anos de Formação*, p. 174.

trimestral *Atlântida*, que ainda hoje se publica, com periodicidade anual.

A colaboração que, entre 1956 e 1963, assegurou na revista *Atlântida* ultrapassa mais de meia centena de entradas, entre artigos e resenhas de obras, muitas delas de autores açorianos, como Roberto de Mesquita e Vitorino Nemésio, assim como de temas relativos ao valor da poesia e do tomismo. Em simultâneo, no suplemento “Pensamento”, podem ser contabilizados, com maior incidência nos primeiros três anos da sua publicação, cerca de dezena e meia de artigos, o que denotava uma dinâmica cultural pouco comum no meio, pelo menos com o pendor crítico que Enes lhes imprimia. Contamos também com a colaboração ocasional noutras revistas, nomeadamente as de circulação nacional, como a *Lumen*, com 4 artigos, de 1952 a 1961, a revista *Rumo*, com 5 artigos, de 1961 a 1965, e, mais tarde, nas revistas *Contra-vento*, *Didaskalia*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, *Revista Filosófica de Coimbra*, *Estratégia* e também *Arquipélago*¹⁶.

Álvaro Monjardino lembra o revigoramento sociocultural trazido pelo escol de jovens padres regressados de Roma ao Seminário de Angra, a meados do século passado¹⁷. Refere a organização de aulas livres de filosofia abertas ao público e a difusão duma nova espiritualidade «muito à volta do compromisso cristão no temporal»¹⁸. Os movimentos da Igreja eram animados e encorajados nessa direção, guiados pela encíclica *Mater et Magistra*, que falava de “socialização” e sublinhava a função social da propriedade. Também os documentos conciliares incentivavam à participação dos leigos na sociedade e a *Populorum Progressio* apresentava o “desenvolvimento” como sendo o novo nome da paz. Gerou-se um pouco por todas as ilhas uma nova forma de espiritualidade, em grande parte difundida pelos Cursos de Cristandade, que trazia um «reacender do espírito cívico com forte sentimento social». Álvaro Monjardino fala mesmo de um sentimento novo que alastrou nos Açores, muito orientado para tudo o que «visasse o

16 Cf. Miguel Real, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, pp. 17-30 e 100-104. Muitos desses ensaios e resenhas encontram-se reunidos na publicação póstuma *Açores no Coração — Textos de Crítica Literária e Cultural*.

17 Álvaro Monjardino, «Influência do seminário diocesano na cidade de Angra e nos Açores nas décadas de 50 e 60», p. 102.

18 *Ibidem*, p. 104.

revigoreamento económico e a motivação de populações desalentadas a participarem, ativa e criativamente, na construção de um futuro mais dinâmico e desejavelmente mais feliz»¹⁹.

De 17 a 20 de dezembro de 1959, José Enes organiza, com outros professores do seminário e alguns leigos, uma semana de estudo para celebrar o 25.º aniversário da fundação da Ação Católica em Portugal, uma iniciativa que pode ser considerada «precursora das cinco históricas semanas de estudo do Instituto Açoriano de Cultura que iriam marcar a década seguinte»²⁰. A segunda destas semanas, que decorreu de 3 a 10 de abril de 1963, introduziu decisivamente a temática do desenvolvimento socioeconómico dos Açores, que foi também a marca das que depois se realizaram, em 1964, e, principalmente, em 1965.

Toda essa planificação contou com a estreita cooperação do engenheiro jorgense Correia da Cunha, da Junta de Colonização Interna e também docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que colaborou com José Enes, em estreita proximidade, na orientação económica conferida às semanas de estudo, conforme está documentado na correspondência trocada entre ambos, à guarda da Biblioteca da Universidade dos Açores.

Em 1964, o Ministro da Economia, Professor Teixeira Pinto, encarregou Enes de organizar e presidir à primeira Comissão Promotora do Desenvolvimento Regional dos Açores, tendo nessa qualidade participado, com o apoio de técnicos da O.C.D.E. e da J.C.I., na elaboração do primeiro anteprojecto do Planeamento Regional dos Açores. Neste âmbito ainda, foi-lhe concedida, pela O.C.D.E., através do Banco Nacional de Fomento, uma bolsa de estudos para se especializar em França sobre técnicas de desenvolvimento regional.

As Semanas de Estudo tiveram José Enes como secretário permanente, até à sua saída forçada dos Açores, e receberam, para além de diversos apoios de instituições locais, a colaboração do Instituto Nacional de Investigação Industrial, da Junta de Colonização Interna e do Gabinete de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian²¹. A

19 *Ibidem*, pp. 111 e 113.

20 *Ibidem*, p. 107.

21 José Enes, «A autonomia regional dos Açores e a teoria do Estado», em *Portugal Atlântico*, pp. 239-240.

cooperação destas prestigiadas instituições tornou possível, na Quarta Semana de Estudo, realizada em Ponta Delgada, em 1965, a participação externa de qualificadas personalidades, como Xavier Pintado, Rogério Martins, Adérito Sedas Nunes, que trouxeram ao evento um apreciável enquadramento nacional.

As alterações políticas que conduziram o Professor Marcelo Caetano a presidente do conselho acabaram por esvaziar este modelo de intervenção e deram origem, em 1969, à Comissão Regional de Planeamento dos Açores. O Professor José Enes encontrava-se já em Lisboa, ao serviço da Universidade Católica, mas integrou esta comissão, constituída pelas Juntas Gerais dos três distritos dos Açores, tendo colaborado na redação do respetivo relatório que foi publicado pela Junta de Colonização Interna com o título: *A Agricultura Açoriana — Realidades e Perspetivas*.

A sua dedicação às questões do desenvolvimento do Açores impôs-se, a nível regional e também nacional, tornando-o uma personalidade central para integrar e muitas vezes liderar, no seio da Comissão de Planeamento, todas as iniciativas destinadas a projetar uma política de desenvolvimento para a região. Na perspicaz avaliação de Álvaro Monjardino, este constituiu um período em que se equacionaram e amadureceram as linhas de força do desenvolvimento regional «por contraposição às fórmulas administrativas do extinto regime» e em que o ideal autonomista terá ganho a perspetiva da unidade regional²². É neste período que toma forma a ideia de criar o ensino universitário nos Açores, indispensável para a formação de quadros e o desenvolvimento da investigação, não apenas em humanidades e economia, mas também em áreas como geologia, vulcanologia, mar e ciências agrárias. O projeto só se concretizará após a Revolução de Abril de 1975, tendo José Enes sido designado coordenador dos trabalhos para o seu planeamento. Posteriormente, presidiu à respetiva comissão instaladora e, por fim, foi nomeado reitor.

Toda esta empenhada mobilização contribuiu para criar nas elites açorianas a consciência da «necessidade de um *desenvolvimento adequado* às características insulares, na solidariedade e na complementaridade das suas parcelas». Ao mesmo tempo, permitiu chamar

22 Cf. Álvaro Monjardino, «Influência do seminário diocesano na cidade de Angra e nos Açores», p. 113.

a atenção para a importância de se avançar com reformas democráticas, que o autor enuncia como «eventuais alterações institucionais» apoiadas na «participação das comunidades residentes». Teria sido ainda no seio da Comissão de Planeamento, a 16 de junho de 1973, assegura Monjardino, que foi posto em equação o «*suporte financeiro especial do Estado* para ultrapassar desigualdades inerentes à condição insular», uma reclamação que depois se denominou por *custos da insularidade* ou *custos de soberania*, para assegurar às populações insulares uma correta integração nacional²³.

3. A universidade e os Açores

Antes de regressar aos Açores, a 30 de setembro de 1975, José Enes integrou o corpo docente da Universidade Católica Portuguesa desde a sua abertura, em Lisboa, onde revelou, na apreciação do reitor de então, P. Bacelar e Oliveira, «dotes invulgares de criação de Cultura e de consagração universitária»²⁴. Em 1968, dirigiu o ciclo propedêutico da Faculdade de Teologia e lecionou diversas disciplinas de filosofia, tendo, ao mesmo tempo, chefiado o Departamento de Filosofia e integrado o conselho diretivo da Faculdade. Cumulativamente, no ano letivo de 1972-1973, exerceu as funções de presidente do conselho diretivo da Faculdade de Teologia e foi vice-reitor da Universidade. Nessa altura, sai da instituição e pede dispensa do exercício do ministério presbiteral, que lhe foi concedida no ano seguinte, em 1974. Em 1973 vai para a Universidade de Luanda, onde lecionou a disciplina de Introdução às Ciências Sociais no curso de Economia e cooperou na organização do Centro de Estudos Económicos e Sociais. A Revolução de Abril fê-lo regressar a Portugal, ao então Instituto Politécnico da Covilhã, onde lecionou Introdução às Ciências Sociais e participou no planeamento e montagem do ensino daquela instituição.

Regressa aos Açores para coordenar os trabalhos de planeamento do ensino superior na região, que veio a ser criado pelo Decreto-Lei n.º 5/76, de 9 de janeiro. Assumiu as funções de presidente da comissão instaladora e foi o primeiro reitor da Universidade dos Açores, até

23 *Ibidem*, p. 112.

24 José Bacelar e Oliveira, S.J., em carta de 3 de maio de 1975, cit. em Fernanda Enes, «A lógica interna da vida e a unidade de ser em José Enes», p. 171, n. 17.

outubro de 1982. Deu início ao estabelecimento da rede de ligações internacionais da Universidade, firmando acordos de cooperação com a Universidade de Rhode Island, financiados pela Agency for International Development (AID); com a Fundação Getúlio Vargas, da Universidade de S. Paulo; com o Instituto de Tecnologia Alimentar (ITAL), com suporte financeiro do Departamento de Cooperação Cultural, Científica e Tecnológica do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, e com o Instituto Nacional de Recherche Agronomique da Universidade de Marselha.

Após deixar as funções de reitor, submeteu-se a provas de agregação em Ontologia, em 1982, na Universidade que havia fundado seis anos antes e de que, mais tarde, em 1985, foi nomeado professor catedrático. Dedicou-se à lecionação das disciplinas de filosofia dos cursos do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, que dirigiu de 1983 a 1987. De 1987 a 1992, assumiu a direção do Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia (CERIE), que havia sido criado por sua iniciativa para promover, nas suas palavras, «a cooperação internacional numa investigação que é de fundamental importância para a compreensão das potencialidades geopolíticas dos Açores, os papéis que lhe cabem na política externa portuguesa, na construção da comunidade atlântica e dos serviços com que pode alcançar recursos decisivos para o desenvolvimento regional»²⁵. Nesse período, em cooperação com o Serviço para as Universidades da NATO, promoveu a realização de três seminários sobre relações internacionais e estratégia e dois colóquios internacionais, com a colaboração de universidades americanas, inglesas, belgas e alemãs, de que resultaram várias publicações.

A relevância da posição geoestratégica das ilhas é tema de análise em diversas intervenções, reunidas em *Portugal Atlântico*, em que se procura associar a perspetiva histórica da centralidade atlântica dos Açores às possibilidades que Portugal poderá explorar, hoje, na Europa, para fazer valer a sua singularidade no contexto das nações. Também a temática da autonomia constitucional reclama uma atenção especial em vários textos que procuram integrar a dinâmica social do arquipélago na interação funcional das suas componentes económicas, culturais e

25 José Enes, «Universidade insular», em *Portugal Atlântico*, pp. 278-279.

políticas. José Enes faz sentir a importância decisiva dos condicionamentos impostos pelo sistema económico, um fator determinante do rumo do desenvolvimento da autonomia regional, e mostra apreensão pelo peso excessivo do sector político-administrativo da administração regional. A transposição para a região do sistema administrativo do Estado português configurou uma «arquitetura pesada» para o edifício da administração regional, cuja dimensão não deixava de suscitar o problema da sua racionalidade e sustentação²⁶.

Em diversas ocasiões, José Enes produziu relevantes intervenções, reunidas postumamente em dois livros *Portugal Atlântico* (2015) e *Universidade dos Açores. Ideia Fundadora e Implementação* (2016), em que desenvolve o seu pensamento sobre a função da Universidade na sociedade insular e o lugar dos Açores e de Portugal na Europa e no Ocidente. Em mais de um lugar, evoca as semanas de estudo realizadas na década de sessenta, não apenas por terem posto a descoberto as debilidades regionais que impediam o desenvolvimento social e económico dos Açores, mas também por terem apontado para a necessidade da criação duma universidade, como forma de as ultrapassar. Sem uma universidade, o Arquipélago «jamais resolveria os problemas estruturais do seu desenvolvimento»²⁷, escreverá mais tarde, em jeito de avaliação de um processo de que foi o principal artífice. Compreende-se, por isso, que o seu arranque inicial tivesse sido centrado na premente tarefa da formação de quadros para a região, nomeadamente de professores e profissionais que desenvolvessem a economia, o sector agropecuário e o estudo do mar.

A Universidade dos Açores, lembra Fernanda Enes, foi «a primeira instituição universitária em Portugal com um Departamento de Oceanografia e Pescas, votado à investigação e ao serviço da comunidade»²⁸. O empenho da Universidade no conhecimento e desenvolvimento da região insular fê-la também evoluir, logo nos seus começos, para a criação de estudos nos domínios da biologia, geologia, vulcanologia, história e humanidades. Porém, não poderia restringir-se ao conhecimento das dimensões económica, política, histórica e natural dos Açores, mas teria

26 Cf. José Enes, *Portugal Atlântico*, pp. 195-271 e José Henrique Silveira de Brito, «José Enes: o filósofo e o cidadão IV», em *Diário dos Açores*, 08-02-2025.

27 José Enes, «Universidade e desenvolvimento regional», em *Portugal Atlântico*, p. 281.

28 Fernanda Enes, «A lógica interna da vida e a unidade de ser em José Enes», p. 173.

de perspetivar esses estudos no horizonte das potencialidades do arquipélago, situado na confluência da Europa e as Américas.

Como polo da dimensão Atlântica de Portugal, os Açores permitiriam que Portugal se cumprisse no seio da Europa, transportando a dimensão Atlântica que os Açores lhe conferem. Em carta a Alexandre Morujão, Enes fala da sua experiência de vida, repartida entre o pensamento e a ação, e das dificuldades que o seu intenso envolvimento na criação da Universidade dos Açores trouxe à realização do seu projeto na filosofia. Simultaneamente, não deixa de valorizar o seu compromisso social e político em prol dos Açores, quando afirma que «desde o desabrochar do meu pensamento uma das minhas preocupações dominantes tem sido procurar a compreensão de Portugal a partir do mirante atlântico que são os Açores. E Portugal é uma das chaves para o entendimento da Europa e do Mundo»²⁹. A pequena dimensão da Universidade dos Açores poderá ampliar-se pela exploração dessa sua singularidade entre dois mundos, tomando parte ativa nessa interação e explorando a sua vocação para o diálogo transatlântico.

Em *Universidade dos Açores. Ideia Fundadora e Implementação*, reúne textos particularmente centrados na missão da universidade e na sua organização. Muitos deles compreendem-se no contexto dos desafios que eram postos aos processos de planeamento e instalação da Universidade, a que se juntam discursos proferidos na qualidade de primeiro reitor e outros trabalhos relativos à reforma estatutária da universidade. Todos eles dão conta da sua ideia de universidade e das perspetivas de desenvolvimento da Universidade dos Açores, fazendo sobressair a ideia central de que a Universidade dos Açores, no contexto das universidades portuguesas, deverá compreender-se e assumir-se como insular e atlântica:

Se os Açores constituem a ocidentalidade geográfica de Portugal, constante e decisivo fator da sua identificação e da sua independência de Estado soberano, a Universidade insular tem de se afirmar nesse quadro estratégico de país da Europa mais ocidental e mais atlântico. E se a sua história fixou as coordenadas económicas, a e culturais de tão radical atlanticidade, é a partir dela que Portugal terá de traçar

29 Carta a Alexandre Fradique Morujão, 21 de outubro de 1987 (rascunho), cit em Fernanda Enes, «A lógica interna da vida e a unidade de ser em José Enes», *ibidem*, p. 176.

a sua estratégia de integração europeia potenciando os vetores da essência da sua atlanticidade³⁰.

4. Poeta e crítico literário

José Enes foi inicialmente conhecido como poeta, por algumas poesias que publicou na imprensa e pelo livro de poemas *Água do Céu e do Mar*, de 1960, sem, no entanto, ter merecido acolhimento nos ambientes culturais locais, em particular pelos jovens da denominada Geração Glacial³¹. Na apreciação de Onésimo T. Almeida, o forte pendor religioso da primeira parte do livro, em flagrante oposição ao tipo de poesia socialmente interventivo que campeava, teria provocado o afastamento das novas gerações de então, que o viam antes como crítico literário e ensaísta. O domínio da inquietação do poeta em redor do sagrado dilui-se na segunda parte do livro, que reveste um pendor humanista, tornando-o, na visão de Onésimo «um livro separado»³² e diferente da primeira parte.

A publicação póstuma da *Obra Poética* de José Enes deu a conhecer um conjunto de outros poemas, alguns deles inéditos, datados de 1943 a 2009 e agrupados sob o título *Montanha do Meu Destino*. Ficámos assim a saber que a voz do poeta se fez ouvir ao longo da vida, embora com frequência variável, o que veio confirmar as reticências levantadas por Miguel Real contra a suposição de que a intensa dedicação de Enes aos estudos filosóficos tivesse exaurido a sua inspiração poética.

O suposto abandono da poesia em nome da especulação filosófica não parecia convincente ou aceitável como exigência imposta pelos estudos filosóficos, que Real considera, acertadamente, não colidir com o seu exercício. A este propósito, Silveira de Brito lembra um texto de 1953 «Universalidade da literatura» que não ilude o pendor realista e comprometido que, desde cedo, na crítica literária, na poesia e na filosofia, orientou o modo de Enes olhar o mundo e o homem. Nele falava da pouca atenção que a literatura portuguesa da época dispensava ao

30 José Enes, «Refletindo sobre a Universidade dos Açores», em *Universidade dos Açores. Ideia Fundadora e Implementação*, p. 291.

31 Miguel Real, «A poesia espiritual de José Enes», em *José Enes, Obra Poética*, prefácio, pp. 12-15.

32 Onésimo T. Almeida, «A experiência açoriana, literária e existencial de José Enes», em *José Enes: Filósofo, Pedagogo e Mestre*, p. 45.

homem concreto e sugeria a necessidade de desenvolver iniciativas, que fossem além do sistema oficial de ensino, para promover junto dos jovens o interesse pela dimensão existencial do homem, que a leitura dos clássicos poderia propiciar³³.

A forma como viveu a estreita ligação entre o pensamento e a ação, «duas faces da mesma realidade, como o lema ‘mais conhecer para melhor viver’ da Segunda Semana de Estudo dos Açores traduz»³⁴, não deixa de fora a dimensão prática que o cultivo da filosofia e a atividade intelectual, em geral, revestia para Enes. Deste modo, a inexistência de produção poética, inclusive na imprensa, não poderia fazer supor que a mesma tivesse sido abandonada por causa da dedicação à filosofia, dois domínios que cultivou em estreita ligação com o mundo da vida. Acresce ainda que a forma singular como José Enes explorou na sua obra a hermenêutica filosófica da linguagem, como lugar de acesso à experiência do ser, um tema estreitamente ligado à relação do homem com o mundo e consigo mesmo, deverá suscitar uma maior atenção à presença de uma sensibilidade poética que terá apurado a sua finura analítica³⁵. Ganham pleno sentido as reservas do prefaciador da *Obra Poética* de José Enes contra a ideia de que os estudos filosóficos tivessem feito terminar a atividade poética, que não deixou de se exercer como uma forma de pastoreio da linguagem a que devotadamente se dedicou até nos seus discursos mais improvisados.

A interrupção foi apenas aparente, como atesta a coletânea de poemas agora publicada com o título de *Montanha do Meu Destino*, fazendo cair por terra a ideia de que «a partir de meados da década de 1960, o autor vazara nos estudos filosóficos conducentes ao doutoramento e à publicação de *À Porta do Ser* (1969) o seu estro poético, abandonando a atividade poética»³⁶. Pelo contrário, a inspiração poética acompanhou-o de forma contínua, o que abre um campo novo de análise aos que se dedicarem ao estudo da sua obra, solicitados agora a confrontarem «os textos

33 Cf. José Henrique Silveira de Brito, «José Enes: o filósofo e o cidadão I», em *Diário dos Açores*, 06-11-2024.

34 José Henrique Silveira de Brito, «José Enes: o filósofo e o cidadão III», em *Diário dos Açores*, 11-01-2025.

35 Cf. Miguel Real, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, p. 15.

36 Miguel Real, «A poesia espiritual de José Enes», p. 9.

filosóficos com os textos poéticos, buscando uma unidade comum»³⁷.

Os comentadores coincidem em considerar a poesia de José Enes não apenas fruto dos seus sentimentos íntimos e das vivências insulares que sempre o acompanhavam em todos os lugares, mas também da atmosfera estética trabalhada em alguns dos seus textos de teoria e crítica literária, produtos da sua intensa colaboração no suplemento literário “Pensamento” do jornal *A União* e na revista *Atlântida*. Miguel Real encontra em alguns textos de 1955 toda uma «conceptualização que José Enes criou para os seus versos, bem como para uma análise universal da poesia, que poderá ser sintetizada em dois postulados: responder à inteligência (ao entendimento, à razão, aqui tomados como sinónimos) e satisfazer a sensibilidade».³⁸ Aos aspetos formais da poesia junta-se o cuidado com a precisão da linguagem na apresentação dos dilemas com que se debate a condição humana para os fazer ressoar no interior do leitor.

Também Urbano Bettencourt estabelece uma forte ligação entre a produção poética do autor e os padrões de crítica literária que teorizou nos seus artigos. Detendo-se na segunda parte de *Água do Mar e do Céu*, que tem por título «Sempre mar e a mesma terra», chama a atenção para «uma forte consciência do lugar como impulsionador da criação poética»³⁹ e para uma intencional aproximação do modelo da poesia popular, na linha da *Festa Redonda* de Vitorino Nemésio e do *Eu fui ao Pico piquei-me* de Álamo Oliveira. A valorização da espontaneidade popular, que permitiu a recensão aos versos do poeta repentista Gabriel Ferreira, é também sublinhada por Rosa Goulart que assinala nas duas coletâneas vários poemas «marcados por um ritmo, uma cadência, preferencialmente em redondilha maior, que nos faz lembrar a oralidade da poesia popular»⁴⁰.

Ainda no campo da teoria literária, Urbano Bettencourt lembra um curioso texto de 1958 publicado na *Atlântida*, com o título «A missão da crítica», em que Enes apresenta de forma sintética a «atividade do crítico enquanto *local de passagem* entre autor e leitor, mediador de sentidos e até mesmo, por vezes, construtor de sentidos»⁴¹. Avança, de seguida,

37 *Ibidem*, p.10.

38 *Ibidem*, p.8.

39 Urbano Bettencourt, «José Enes: autor e crítico literário», p. 411.

40 Maria Rosa Goulart, «*Obra Poética*, José Enes», p. 222.

41 Urbano Bettencourt, *ibidem*, p. 413.

que o texto constitui um enunciado da forma como José Enes concebe a sua atividade crítica, uma tarefa sempre dificultada pelas relações de proximidade que acabavam por tolher o exercício dessas exigências de análise. De qualquer modo, é posta em evidência, como valor fundamental, a isenção da interpretação do crítico baseada numa ordem de razões que, como aconselhava o método cartesiano, impeça a precipitação e a prevenção.

É tarefa do crítico literário ajudar o artista «a ver aquilo que ele mesmo criou», assevera Enes no artigo que Urbano comenta, o que o leva a concluir por uma conceção de crítica literária como processo «capaz de transcender o próprio texto, de completar as suas *zonas de indeterminação*, o seu *não dito*»⁴². Trata-se, pois, de uma forma de entender a crítica literária pelo lado operativo da análise racional que, embora não iluda as incursões misteriosas do irracional e do intuitivo, procura, no dizer de Rosa Goulart, olhar a literatura pelo seu pendor metafísico irmanado à filosofia, duas «formas superiores de acesso ao conhecimento»⁴³.

5. Obra filosófica

A aprendizagem da filosofia familiarizou-me, desde os dezasseis anos, com as grandes escolas e correntes da Escolástica. Recebi uma formação tomista e habituei-me, naquela idade, a estudar pelos textos originais de São Tomás.

José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 15.

A aproximação de José Enes do pensamento tomista não seguiu a via dos compêndios adotados na escola, ou pelo menos não se cingiu ao seu estudo, mas envolveu a leitura direta do próprio autor. Numa das «conversas sem relógio»⁴⁴ em que o Professor Enes procurava sublinhar a importância pedagógica da leitura direta e integral das obras, tema a que dedicou um esclarecedor estudo, que foi incluído no final do volume *Noeticidade e Ontologia*, deu a conhecer como foi insólito o seu primeiro contacto com a obra

42 *Ibidem*, p. 414.

43 Maria Rosa Goulart, *ibidem*, p. 221.

44 Onésimo T. Almeida, «o professor nas lembranças do aluno», em *José Enes: Filósofo, Pedagogo e Mestre*, p. 27.

do Aquinatense. A biblioteca do seminário não era de livre acesso, nem estava sequer devidamente organizada, e só o professor de filosofia poderia autorizar as requisições, pelo menos dalgumas obras da área. Enes procurou o professor para lhe dizer que pretendia ler um livro de S. Tomás, um pedido nada comum e até ousado, mas que acabou por ser atendido, com a indicação ao jovem estudante para que voltasse a procurar o professor mal terminasse a leitura. Passado algum tempo, semanas, certamente, regressou para devolver o livro, transportando consigo a expectativa de uma troca de ideias, para que se tinha preparado. Puro engano! Quando deu conta ao professor de que tinha a tarefa cumprida, este limitou-se a dizer-lhe para levar o livro de volta a fim de o ler novamente. O experiente professor, de que não retive o nome, mas muito provavelmente teria sido o Dr. Manuel Cardoso do Couto, deixava assim transparecer a sua confiança nas qualidades promissoras do audacioso estudante de filosofia que se aventurou a ler a obra do mestre dominicano no original, mas, ao mesmo tempo, fazia sobressair as virtuosidades de uma nova leitura para a aprendizagem do pensamento de um grande autor, que não se apreende logo à primeira, mas sempre nos surpreende quando insistimos em nos aproximarmos dele.

José Enes ganhou desde muito cedo grande intimidade com a obra de Tomás de Aquino e, por via disso, com o pensamento de Aristóteles e dos comentadores e autores da Nova Escolástica. A aproximação ter-se-á aprofundado com os estudos universitários, onde privou com notáveis neotomistas da Gregoriana, de que costumava destacar Pedro Hoenen, nos estudos de cosmologia, e Johannes B. Lotz, com quem fez um seminário de doutoramento sobre Heidegger e S. Tomás, que deu origem a uma publicação na PUF, em 1988, com o título *Martin Heidegger et Thomas d'Aquin: homme — temps — être*. Estas ligações teriam certamente contribuído não apenas para aprofundar os seus temas, mas também para explorar as aproximações entre o tomismo e as questões debatidas pela ciência e pela filosofia moderna e contemporânea, em particular Kant e Heidegger. Em complemento aos estudos realizados na Gregoriana, ainda nesse período, no ano letivo de 1966-1967, trabalhou na Brown University, nos E.U.A., e no Institute of Medieval Studies Étienne Gilson de Toronto, no Canadá, em investigação destinada à tese de doutoramento.

Todo este contexto envolveu e robusteceu o projeto da obra *À Porta do Ser*, cuja trajetória se demarcou das orientações que têm caracterizado

os estudos tomistas. Segundo José Enes, estes oscilavam entre a tendência historicista de «examinar os textos no contexto doutrinal, literário e histórico, sem pretender tirar deles senão o que neles foi explicitado», e uma atitude “recriadora” que pretendia alcançar em Tomás de Aquino o realmente filosófico «em seu concreto crescimento», que se encontrava misturado com a sua produção teológica. A primeira atitude, representada por Étienne Gilson, procurava nos escritos de S. Tomás respostas para problemas em que ele muitas vezes nem sequer tinha chegado a pensar, iludindo a inevitável intromissão do intérprete na obra a interpretar e comprometendo a sua pretendida isenção. A segunda, representada por Karl Rahner, visava colocar-se na pele do próprio autor «a fim de pensar como ele teria pensado» os temas filosóficos que ele tratou ao elaborar a sua teologia, um procedimento que não deixava também de obscurecer a linha de separação entre o que pertence ao autor interpretado e ao seu intérprete⁴⁵. Ambas as perspetivas, porém, partilhavam um terreno comum de análise, que era a expressão linguística de um pensamento sistematicamente elaborado.

Sem desvalorizar os importantes contributos que essas orientações trouxeram à compreensão do pensamento de Tomás de Aquino, o caminho de José Enes mostrou-se totalmente diferente⁴⁶. A epígrafe de Heidegger, que escolheu para abertura do capítulo introdutório do livro, aponta a direção do seu percurso, que diz ser «a riqueza do impensado» na obra de Tomás de Aquino, colocando assim por meta a tarefa de surpreender o seu pensamento na forma como «acordou para aquilo que importava ser pensado»⁴⁷. Interessava, de modo especial, não aquele pensamento que se traduzisse na discursividade das categorias da linguagem, mas «aquilo que nunca poderá ser expresso numa formulação predicativa, senão somente sugerido pelo conteúdo, processos e modos de tal formulação»⁴⁸. O impensado excede qualquer ensaio de enunciação do pensamento categorial, apesar deste se formar a partir dele e remeter para ele, «como a matriz originante donde brota e a que regressa quando ganha formulação predicativa», continua José Enes. Embora jamais possa «ser dito formalmente pela tessitura formal da linguagem enunciativa»,

45 Cf. José Enes, *À Porta do Ser*, pp. 12-14.

46 Cf. José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 115.

47 José Enes, *À Porta do Ser*, p. 11.

48 *Ibidem*, p. 15.

pode ser pensado através do pensar categorial de uma obra, cuja grandeza se mede pelo que ela nos sugere, ou seja, pelo que nela «vem a ser pensado, quando antes não fora».

Em *À Porta do Ser*, o impensado que se vislumbra na obra de Tomás de Aquino e se refugia no seu pensamento é a experiência do ser, ou seja, o momento em que o autor, ao realizar o conhecimento de alguma coisa, percebe que há ser e se apercebe da autenticidade dessa aperceção. Para acompanhar a experiência em que esse conhecimento acontece, José Enes prescinde de todo o suporte analítico de base psicológica, assim como de qualquer aparato teórico-metafísico, e assume a atitude fenomenológica de «deixar que o conhecer se revele no momento em que o ser se lhe revela, atendendo exclusivamente ao seu específico manifestar-se como conhecimento»⁴⁹. Como bem viu Celestino Pires, a análise de José Enes não se centra no funcionamento das faculdades do conhecimento: «O seu tema é noético. Para este fito orienta toda a investigação e análise fenomenológica dos textos, descobrindo neles as experiências originais ocultas da primeva intencionalidade conhecitiva»⁵⁰.

Por esta primazia concedida «ao mostrar-se do conhecer», o autor desvia-se do percurso heideggeriano para centrar a atenção «no próprio processo de ver o que vê». O terreno da ontologia, em que o autor de *Ser e Tempo* procura no *Dasein* a revelação do ser, dá lugar claramente a uma «gnoseologia pura», desprovida de pressupostos, ou, mais precisamente, uma *noética*, que é uma tomada de consciência dos procedimentos que permitem acompanhar a ligação do juízo verdadeiro quer aos princípios intelectuais que o iluminam e fundamentam, quer ao sentir da sensibilidade em que «o homem intui o ‘ser’ do mundo e o dele mesmo, os vigia e guarda»⁵¹. *À Porta do Ser* traça o longo percurso desta experiência original em que o ser da natureza ou das coisas naturais se manifesta na análise do juízo de perceção externa, segundo o modo que lhe é próprio, ou seja, numa «relação dinâmica de intencionalidade percetiva e judicativa lançadas para o ser da coisa como para o termo próprio de tal relação»⁵².

De modo idêntico ao conhecimento da existência das coisas da expe-

49 *Ibidem*, p. 19.

50 Celestino Pires, «José Enes, *À Porta do Ser*», p. 298.

51 José Enes, *Noeticidade e Ontologia*, p. 9.

52 José Enes, *À Porta do Ser*, p. 483.

riência sensível, também o conhecimento de si mesmo ou do eu constitui uma experiência perceptiva em que o ser do eu se abre ao intuito. Todavia, no primeiro caso, o conhecimento das coisas opera-se pela sua presença à consciência, ou melhor, pela incidência da atenção nos estímulos exteriores; no segundo caso, pelo contrário, o ser do eu é percebido, não em virtude de um estímulo específico que o mostre, mas por se tornar presente nos próprios atos da consciência. Trata-se, pois, de uma percepção de natureza interna em que a «atenção da consciência incide sobre o momento energético da emanção dos atos»⁵³. Distingue-se completamente da concepção de David Hume, que reduz o eu à pluralidade dos atos psíquicos que se sucedem na mente humana, como se desfilassem num palco⁵⁴.

José Enes analisa pormenorizadamente esta questão da experiência em que o ser do eu se nos torna conhecido num conjunto de textos que reuniu em *Estudos e Ensaios*, os quais manifestam uma estreita proximidade com a temática e a metodologia de *À Porta do Ser*. O caminho seguido consiste em opor «o daltonismo ontológico em relação ao ser do sujeito pensante»⁵⁵, que contaminou a filosofia moderna a partir de Descartes, à visão de Tomás de Aquino, que permite pôr a descoberto a singularidade duma experiência «na qual o ser de cada homem se faz presente ao intuito da inteligência»⁵⁶.

A experiência ontológica de acesso ao ser das coisas e do eu é uma temática que os estudos posteriores procuraram retomar e desenvolver, mas que Luís Bernardo encontra já equacionada em *A Autonomia da Arte*, de 1965, na dimensão existencial da atividade artística que Enes analisa nas relações entre a arte, especialmente a poesia, a filosofia, a religião, a política e a moral. A poesia, para além da sua componente estética, «deverá responder por aquilo que veicula», reclamando assim uma «ontologia fundamental da expressividade» que se disponha a ler na linguagem poética «o significado último da existência humana». Na poesia e em toda a arte, em geral, podemos ouvir a voz duma meditação

53 José Enes, «Revelação ontológica do eu em S. Tomás de Aquino», em *Estudos e Ensaios*, p. 122.

54 Cf. José Enes, «Ocultamento do ser do eu em David Hume», em *Estudos e Ensaios*, pp. 108-114.

55 *Ibidem*, p. 119.

56 *Ibidem*, p. 120.

sobre o modo como se acede e vive a experiência do ser⁵⁷, se quisermos recorrer a uma linguagem usada posteriormente. Também Miguel Real descobre elementos de continuidade entre este ensaio e *À Porta do Ser*, considerando que «a inspiração formal é a mesma», assim como o respetivo «enquadramento teórico» de crítica à orientação niilista da modernidade que se exilou do ser⁵⁸. *Linguagem e Ser* procura enraizar na corrente da história esta experiência ontológica tão presente em toda a linguagem humana, mas de que o homem se alheou. A falta de consciência dessa proximidade tem-no feito trilhar um caminho de inautenticidade, na forma de um estilo de vida niilista, seqüela de uma «razão funcionalista» e uma «civilização tecnicizada» que, afirma José Enes, «não segue as pistas do ser nem a sua existência sucede sob o signo do ser»⁵⁹.

Além do sentir da sensibilidade em que se opera o «primeiro apercebimento do ser dos seres que acedem ao intuito do homem», *Linguagem e Ser*, explica no capítulo preliminar da obra, abre-se à análise da linguagem para se apropriar dos «núcleos expressivos da experiência ontológica original» que transbordam nas sucessivas metáforas em que a fala se vai exprimindo. O sentido que emerge do sentir da experiência original não se deixa aprisionar pelas categorias que o procuram exprimir, mas desdobra-se por meio delas, tornando-se imperioso, observa Luís Bernardo, seguir as transformações que a metaforização da discursividade da fala vai operando nessa experiência ontológica inicial, que, assim, se vai enriquecendo.

A dinâmica dessa experiência falante, que se deposita na língua, abre caminho a uma hermenêutica do “acontecer humano”, que nos faz «interrogar esse sentido, em particular no que aí se revela sobre a articulação entre o sentir e a expressão»⁶⁰. O acumular de sucessivas camadas de sentidos que se ampliam na história confere à linguagem «uma mundividência ou um mapa cosmológico»⁶¹ que é indissociável das vicissitudes da existência humana. Mafalda Blanc fala a este propósito do carácter *apofântico* da

57 Cf. Luís Manuel A. V. Bernardo, «Alguns aspetos da relação entre filosofia e poesia na obra de José Enes», pp. 213-215.

58 , Miguel Real, “José Enes — *À Porta do Ser*”, em J. L. Brandão da Luz (org.), *Caminhos do Pensamento*, pp. 57-58, retomado em *O Pensamento Português Contemporâneo — 1890-2010*, pp. 586-587.

59 José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 37.

60 Luís Manuel A. V. Bernardo, “A noção de ‘universo ontológico’ na obra de José Enes”, p. 659.

61 José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 55.

linguagem que nos vai elucidando sobre «o que ela tem para nos dizer no respeitante ao próprio ser»⁶². A sedimentação metafórica torna-se por isso o terreno onde poderemos captar «os vários modos por que o homem pensa ao falar e fala ao pensar»⁶³. Como bem salientou João Paisana, a análise e recriação da fala constitui o único meio de que dispomos para fazer face aos «limites da linguagem conceptual, limites mais marcantes quando se trata da experiência fundamental que dá acesso ao ser»⁶⁴. Nesta medida se alimenta a nossa expectativa de nos aproximarmos do ser, sem nunca, no entanto, o alcançarmos: «*olhá-lo expectativamente sem o ver*»⁶⁵.

Mais tarde, *Noeticidade e Ontologia* reúne ensaios sobre vários momentos da história do pensamento, elaborados a partir das noções cardinais de *noeticidade* e *intuito*, duas categorias que, como bem observou Diogo Ferrer⁶⁶, nos remetem para o campo em que se faz a experiência da apropriação dos princípios que iluminam o discurso filosófico e também poético. O tema da identidade, nota João Duque, é igualmente tratado com «pertinência e clareza» no estudo hermenêutico a que Enes submete o próprio ato de fala, com incidência nos procedimentos discursivos da herança tomista, mas que Duque gostaria de ver alargado a «âmbitos hermenêuticos mais vastos», como os que foram abordados por Levinas e Ricoeur, que aprofundaram «o primordial lugar da alteridade e da diferença, na constituição ontológica da identidade»⁶⁷.

Após *Noeticidade e Ontologia*, José Enes publica, dispersos em obras coletivas, «Suárez e o regresso ao momento ontológico de Parménides no dealbar da Modernidade» e «Ser e realidade», em que trata o tema, já abordado em estudos anteriores, da «alteração da conceptualidade causal aristotélico-tomista»⁶⁸. Nestes dois importantes ensaios, apresenta o evoluir do pensamento filosófico na linha de um certo platonismo das Ideias, consideradas como sendo os «entes por excelência», com mais realidade que as coisas sensíveis. O momento inicial da viragem é protagonizado

62 Mafalda Blanc, “Linguagem e expressividade do ser em José Enes”, 49.

63 José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 65.

64 João Paisana, “Aproximação ao pensamento de José Enes”, p. 461.

65 José Enes, *Linguagem e Ser*, p. 70.

66 Diogo Ferrer, «José Enes. *Noeticidade e Ontologia*», pp. 333-336.

67 João Duque, recensão a *Noeticidade e Ontologia*, p. 176.

68 José Enes, «A noeticidade causal no discurso cartesiano», em *Noeticidade e Ontologia*, p. 75.

por Descartes, mas é Kant o filósofo que procede à sua sistematização. As principais raízes deste processo encontram-se, todavia, na «conceitualização abstratizante, essencialista, que se intensificou na Escolástica dos séculos XIV, XV e XVI»⁶⁹. Para a propagação dessa mundividência, ambos os ensaios consideram o importante papel desempenhado pelas *Disputationes Metaphysicae* de Suárez junto «ao racionalismo centro-europeu, com particular incidência, ao germânico»⁷⁰, que através delas recebeu «o grandioso património da filosofia grega e escolástica»⁷¹.

O Professor Enes explica a grande recetividade dispensada à obra filosófica de Suárez pela sua conaturalidade discursiva com os filósofos da Modernidade, destacando, nomeadamente, o afastamento da sua reflexão do tema da compreensão da substância primeira pela correlação das noções de potência e ato. Suárez desligou o discurso filosófico da experiência direta da mudança substancial e deixou-se polarizar pelas questões relativas às diferenças entre o ser finito e infinito, passando a privilegiar o tópico da dependência das criaturas em relação ao Criador. Ao passar a responder a uma estratégia discursiva de índole teológica, a noção de “ente em potência” tornou-se sinónima de “ente possível”, de modo a atender à essência da criatura antes de Deus a fazer existir. Ao mesmo tempo, ganhou relevância a noção de “potência objetiva” para significar os projetos possíveis presentes à inteligência e vontade de Deus. A alteração desta conceitualidade tem origem no formalismo de Escoto e no nominalismo de Ockham.

Em *A Obra Filosófica de Pedro da Fonseca na Génese dos Discursos Filosóficos da Modernidade*, inédito que se encontra a ser editado, José Enes recua na sua visão do pioneirismo de Suárez na formação da mentalidade moderna. Chama a atenção para as obras do Jesuíta Quinhentista, em particular para os *Comentários à Metafísica de Aristóteles*, em que o filósofo conimbricense desenvolveu uma conceção essencialista do ente e compreendeu a existência como sendo o último modo intrínseco da essência. A publicação dos *Comentários*, iniciada em 1577, vinte anos antes das *Disputationes* de Suárez, conheceu mais de três dezenas de edições e teve ampla difusão entre as universidades e colégios jesuítas

69 José Enes, «Ser e realidade», p. 878.

70 *Ibidem*.

71 José Enes, «Suárez e o regresso ao momento ontológico de Parménides no dealbar da Modernidade», p. 30.

européus. A sua influência teria sido inegável na formação das mentalidades e até na antecipação de algumas categorias do cartesianismo e do kantismo, pelo que o Professor Enes supõe plausível apontar para Pedro da Fonseca como tendo sido, antes de Suárez, como comumente se diz, o principal difusor da conceitualidade que esteve na origem de um novo discurso filosófico que se propalou na história.

O desvirtuamento da experiência do conhecimento na apropriação do ser da realidade é o legado de Descartes e Kant ao pensamento filosófico, que se prolonga até aos nossos dias⁷². Por esta degenerescência, o homem perdeu o contacto direto com o mundo e passou a vê-lo a partir da sua subjetividade. A obra de José Enes fez o levantamento deste desvio, mas, acima de tudo, empenhou-se em apontar o caminho da sua reversão, desde *À Porta do Ser*.

6. Sociedades culturais, distinções e reconhecimento

José Enes pertenceu a várias sociedades científicas, tendo sido, nomeadamente, membro fundador da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, membro efetivo da Sociedade da Independência de Portugal, do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, para além do Instituto Açoriano de Cultura, do Instituto Histórico da Ilha Terceira, do Instituto Cultural de Ponta Delgada e do Núcleo Cultural da Horta. Foi ainda membro honorário da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos e da Aula Castelao de Filosofia da Galiza.

Por serviços prestados a Portugal e aos Açores, foi agraciado pelo Presidente da República, em 1964, com o Oficialato da Ordem do Infante D. Henrique e, em 1983, com o grau de Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública. A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores conferiu-lhe, em 2007, a Insígnia Autonomica de Reconhecimento e, a nível autárquico, o Município de Ponta Delgada concedeu-lhe, em 1992, o diploma de Cidadão Honorário de Ponta Delgada e a Câmara Municipal das Lajes do Pico, sua terra natal, concedeu-lhe também igual distinção, em 1999.

72 Cf. José Enes, «Suárez e o regresso ao momento ontológico de Parménides no dealbar da Modernidade», pp. 21-36; *Idem*, «Ser e realidade», pp. 867-882; *Idem*, «Dois universos ontológicos», em *Noeticidade e Ontologia*, pp.165-189; *Idem*, «Experiência ontológica e verbos impessoais em Parménides e em Fernando Pessoa», em *Noeticidade e Ontologia*, pp. 137-163.

A Câmara Municipal de Ponta Delgada, a 8 de Janeiro de 2005, integrada nas comemorações do aniversário da Universidade dos Açores, inaugurou na *Urbe Oceanus*, zona de expansão da cidade, a Praça Prof. Doutor José Enes. Em 1968, a Universidade Gregoriana de Roma concedeu-lhe a medalha de ouro pelo seu doutoramento e a Universidade de Rhode Island atribui-lhe o doutoramento *honoris causa*, em maio de 1978. À data da sua jubilação, em 1999, foi agraciado com a medalha da Universidade Aberta, sendo ainda portador da medalha de ouro de gratidão, com que foi condecorado, em 1958, pelo Corpo Nacional de Escuteiros (CNE), que fundou nos Açores.

A personalidade e a obra de José Enes têm vindo a merecer a atenção de muitos estudiosos de filosofia, que lhe testemunharam o seu apreço, em 2006, num *Liber amicorum* com o título *Caminhos do Pensamento — Estudos de Homenagem ao Professor José Enes*. Postumamente, o elevado significado e a originalidade do seu pensamento têm sido realçados pela produção de clarificadores ensaios apresentados num colóquio realizado, em conjunto, pela Universidade dos Açores, pela Universidade Católica Portuguesa e pelo Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, cujos trabalhos foram reunidos no volume *José Enes: Pensamento e Obra*. O centenário do seu nascimento foi assinalado com várias manifestações, com destaque para a que teve lugar na sua terra natal e o colóquio organizado pela Universidade dos Açores sobre o tema José Enes: pensamento e legado, que também dá o título à coletânea de estudos publicada.

Como pensador português, encontra-se representado na *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, com um verbete da autoria de Alexandre Fradique Morujão, e na *História do Pensamento Filosófico Português*, com uma entrada de João Paisana, intitulada «Aproximação ao pensamento de José Enes». O *Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa* apresenta uma exposição do seu pensamento e uma sinopse da obra *À Porta do Ser*, ambas da responsabilidade de Luís Bernardo, e a obra de Miguel Real *O Pensamento Português Contemporâneo* reserva-lhe também um expressivo lugar.

OBRAS

Elencamos aqui, por ordem cronológica decrescente, os livros que José Enes publicou em vida e os que saíram postumamente, reunindo artigos dispersos, intervenções proferidas em diversas ocasiões e estudos inéditos. Incluímos ainda dois ensaios que não fazem parte das coletâneas publicadas, pela relevância que revestem para a compreensão do seu pensamento filosófico, nomeadamente a deriva essencialista operada pela ontologia moderna e já antes pela Nova Escolástica. Para os textos publicados em diversas revistas, suplementos de jornais e enciclopédias, em grande parte reunidos em *Açores no Coração — Textos de Crítica Literária e Cultural*, remetemos para a bibliografia inserta em Miguel Real, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, pp. 100-107.

A Obra Filosófica de Pedro da Fonseca na Génese dos Discursos Filosóficos da Modernidade, ed. e int. de Mário de Santiago de Carvalho, para ser publicado na Imprensa da Universidade de Coimbra.

Açores no Coração — Textos de Crítica Literária e Cultural, prefácio de Leonor e Onésimo Almeida, Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2024.

Fenomenologia da Religião, prefácio de António Braz Teixeira, Lisboa: MIL, 2024.

Obra Poética, prefácio de Miguel Real, Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2018.

Universidade dos Açores. Ideia Fundadora e Implementação, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2016.

Portugal Atlântico, prefácio de Carlos E. P. Amaral, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2015.

«Ser e realidade», em AA. VV., *Convergências e Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2008, pp. 867-882.

Noeticidade e Ontologia, Lisboa: INCM, “Coleção Estudos Gerais — Série Universitária”, 1999.

«Suárez e o regresso ao momento ontológico de Parménides no dealbar da Modernidade», em A. Cardoso, A. M. Martins, e L. R. Santos (coord.), *Francisco Suárez (1548-1617) — Tradição e Modernidade*, Lisboa: Colibri, 1999, pp. 21-36.

- Linguagem e Ser*, prefácio de Gustavo de Fraga, Lisboa, INCM, “Coleção Estudos Gerais — Série Universitária”, 1982.
- Estudos e Ensaios*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982.
- À Porta do Ser*, Lisboa: Dilsar, 1.^a ed., 1969; 2.^a ed. Lisboa: JNIC, 1990.
- Autonomia da Arte*, Lisboa: União Gráfica, “Coleção Delta”, 1964.
- Água do Céu e do Mar. Poemas*, Lisboa: Ática, 1960.
- A Interpretação da Paisagem em Roberto Mesquita*, Angra do Heroísmo: ed. Seminário de Angra, Cadernos do Pensamento, 1955.
- Cunha, J. C., Raposo, J. R., Estêvão, M. L. e Enes, J., *A Agricultura Açoriana. Realidades e Perspetivas*, Lisboa: Secretaria de Estado da Agricultura/ Junta de Colonização Interna, 1970.

BIBLIOGRAFIA

Além da relação que, no final de *Fenomenologia da Religião*, apresenta os vários estudos inseridos em obras coletivas sobre o pensamento de José Enes, acrescentamos os seguintes:

- Alexandre, Hélder Miranda (coord.), *Seminário Episcopal de Angra. 150 Anos de Formação*, Angra do Heroísmo: Boletim Eclesiástico dos Açores, 2015.
- Almeida, Onésimo T., *José Enes: Filósofo, Pedagogo e Mestre — Uma Homenagem*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2025.
- Amaral, Carlos E. P., Cândido Pimentel, Manuel e Epifânio, Renato (coord.), *José Enes: Pensamento e Obra*, Lisboa: MIL, 2016.
- Bernardo, Luís Manuel A. V., «Enes, José», em Sirgado Canho, Maria de Lourdes (coord.), *Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, pp. 157-161
- Bernardo, Luís Manuel A. V., «José Enes, *À Porta do Ser* (1969)», em Sirgado Canho, Maria de Lourdes (coord.), *ibidem*, pp. 588-592.
- Bernardo, Luís Manuel A. V., «Alguns aspetos da relação entre Filosofia e Poesia na obra de José Enes», em Natário, Celeste, (ed.) *Filosofia e Poesia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade dos Porto, 2016, pp. 207-229.

- Bernardo, Luís Manuel A. V., «A noção de “universo ontológico” na obra de José Enes», em *O Pensamento Luso-Galaico Brasileiro (1850-2000) — Atas do 1º Congresso Internacional*, Lisboa: INCM, 2009, 1.º v., pp. 649-685.
- Blanc, Mafalda, “A receção de Heidegger na hermenêutica tomista de José Enes”, em Amaral, Carlos E. P., Cândido Pimentel, Manuel e Epifânio, Renato (coord.), *José Enes: Pensamento e Obra*, pp. 246-254.
- Blanc, Mafalda, “Linguagem e expressividade do ser em José Enes”, em Brandão da Luz, José Luís (org.), *Caminhos do Pensamento*, pp. 43-54.
- Bettencourt, Urbano, «José Enes: autor e crítico literário», em Amaral, Carlos E. P., Cândido Pimentel, Manuel e Epifânio, Renato (coord.), *José Enes: Pensamento e Obra*, pp. 410-416.
- Brandão da Luz, José Luís (org.), *Caminhos do Pensamento — Estudos de Homenagem ao Professor José Enes*, Lisboa: Edições Colibri/Universidade dos Açores, 2006.
- Duque, João, recensão a *Noeticidade e Ontologia*, em «Recensões», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 47 (2001) 1, pp. 174-176.
- Enes, Fernanda, «A lógica interna da vida e a unidade de ser em José Enes», em Amaral, Carlos E. P., Cândido Pimentel, Manuel e Epifânio, Renato (coord.), *José Enes: Pensamento e Obra*, pp. 162-180.
- Ferrer, Diogo, «José Enes. *Noeticidade e Ontologia*», em *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra: 21 (2002) II, Recensões, pp. 333-336.
- Gomes, Pinharanda, «O percurso neotomista de José Enes (1944-1965)», em *Boletim Eclesiástico dos Açores*, Angra do Heroísmo: 69 (2019), pp. 560-579. Também publicado em *José Enes: Pensamento e Obra*, pp. 189-205.
- Gomes, Pinharanda, «Tradição e modernidade no pensamento neotomista de José Enes (1924-2013)», em *Boletim Eclesiástico dos Açores*, Angra do Heroísmo: 69 (2019), pp. 553-559.
- Gomes, Pinharanda, «A *Autonomia da Arte* no juízo tomista», em *Boletim Eclesiástico dos Açores*, Angra do Heroísmo: 69 (2019), pp.580-585.
- Gomes, Pinharanda, «Neotomismo e modernidade», em *Boletim Eclesiástico dos Açores*, Angra do Heroísmo: 69 (2019), pp. 586-594.
- Gomes, Pinharanda, «Tradição e modernidade: *À Porta do Ser*», em *Boletim Eclesiástico dos Açores*, Angra do Heroísmo: 69 (2019), pp.595-609.

- Goulart, Artur, Paz, Olegário e Almeida, Onésimo (coord.), *Santa Casa, Mimosa. Olhares sobre o Seminário de Angra (1950-1970)*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2014.
- Goulart, Maria Rosa, «*Obra Poética, José Enes*», em *Colóquio — Letras*, Lisboa: 202 (2029) set/dez, Recensões críticas, Literatura Portuguesa, Poesia, pp. 220-222.
- Medeiros, Emanuel Oliveira, *José Enes e Gustavo de Fraga. Pastores da Verdade na Luz do Ser*, Lisboa: MIL (Movimento Internacional Lusófono), 2018.
- Medeiros, Octávio H. Ribeiro de, *A Igreja nos Açores — Segundo Quartel do Século XX. Índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1925-1952)*, Povoação: Santa Casa da Misericórdia da Povoação, 1998.
- Medeiros, Octávio H. Ribeiro de, *A Igreja nos Açores — Último Quartel do Século XIX. Índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1972-1900)*, Povoação: Santa Casa da Misericórdia da Povoação, 1996.
- Monjardino, Álvaro, «Influência do seminário diocesano na cidade de Angra e nos Açores nas décadas de 50 e 60», em Alexandre, Hélder Miranda (coord.) *Seminário Episcopal de Angra. 150 Anos de Formação*, pp. 99-114.
- Morujão, Alexandre Fradique, «Enes Pereira Cardoso, José», em *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa: Editorial Verbo, 1990, v. 2, cc. 85-87.
- Paisana, João, «Aproximação ao pensamento de José Enes», em Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa: Editorial Caminho, 2000, v. V — *O Século XX*, t. 1, pp. 458-461.
- Pereira, José Augusto, *O Seminário de Angra. Esboço Histórico*, Angra do Heroísmo: União Gráfica Angrense, 2.^a ed., 1963.
- Pires, Celestino, «José Enes, À Porta do Ser», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XXX (1974) 1-3, Notas, pp. 266-269.
- Real, Miguel, «José Enes (1924) — À Porta do Ser», em *O Pensamento Português Contemporâneo — 1890-2010. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, pp. 583-599.
- Real, Miguel, *José Enes. Poesia, Açores e Filosofia*, Lisboa: Fonte da Palavra, 2009.

- Real, Miguel, «A poesia espiritual de José Enes», prefácio a José Enes, *Obra Poética*, pp.5-18.
- Silveira de Brito, José Henrique, «José Enes: o filósofo e o cidadão», em *Diário dos Açores*, I: 06-11-2024; II: 20-12-2024; III: 11-01-2025; IV: 08-02-2025.
- Simplicio, José Carlos Vieira, «O culto de S. Tomás de Aquino no Seminário Episcopal de Angra», sep. da *Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*, XIV (1958) 2, [sep. do *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 1959].
- VV.AA., «Homenagem ao Dr. José Enes, fundador da Universidade dos Açores», em *Casa dos Açores da Nova Inglaterra — Boletim Informativo*, I (2003) 21, 28 pp.